

Metamorfoses identitárias na pré-aposentadoria de servidores públicos.

Resumo

Este artigo tem por objetivo investigar a metamorfose identitária vivenciada pelos servidores públicos federais que estão próximos a aposentadoria. Para compreender tais processos utilizou-se Ciampa (1987). As diversas metamorfoses identitárias foram analisadas a partir dos discursos dos sujeitos sobre sua trajetória pessoal e profissional, utilizando-se a Análise de Discurso. Durante as análises, foram destacadas as identidades de filho, funcionário público, pai, ser social, educador e futuro aposentado. Os entrevistados só pensam em se aposentar compulsoriamente ou quando conseguirem realizar outras atividades que lhes tragam o prestígio de ser funcionário público e o retorno financeiro.

Palavras-chave: Identidade; Trabalho; Aposentadoria.

Metamorphoses identity in the pre-retirement of civil servants

Abstract

This paper aims to investigate the identity metamorphosis experienced by federal civil servants who are close to retirement. To understand such processes we used Ciampa (1987). The various identity metamorphoses were analyzed from the subjects' discourse about their personal and professional trajectory, using the Discourse Analysis. During the analysis, it was highlighted the identities of son, public servant, father, be social, educator and future retired. The respondents only think of compulsorily retire or when they do perform other activities that bring them the prestige of being a civil servants and the financial return.

Keywords: Identity; Work; Retirement.

-
- (1) Coordenadora de Polo educacional Etec Brasil da Universidade Federal de Viçosa e Professor de Ensino a Distância da Universidade Federal de Viçosa. (paulacristina.m.fernandes@gmail.com)
 - (2) Professora da Universidade Federal de Viçosa/Campus de Florestal. Pesquisadora do grupo Estudos de ciências humanas e aplicadas da Universidade Federal de Viçosa. (a.ventola.marra@gmail.com)
 - (3) Graduada em Administração pela Universidade Federal de Viçosa e Gerente do Saas-ETEC da Universidade Federal de Viçosa. (mgsamaralara@gmail.com)
-

Introdução

Este artigo teve como objetivo principal investigar a metamorfose identitária vivenciada pelos servidores públicos federais que estão próximos à aposentadoria. A partir da análise dos dados, foram sugeridas algumas contribuições para a formulação de práticas e políticas de gestão de pessoas, no sentido de ajudá-los a lidarem melhor com esse fenômeno.

A identidade dos indivíduos que vivenciam a ansiedade da aposentadoria pode ser caracterizada pela tensão entre o papel profissional exercido e a necessidade futura de reestruturação de seus novos papéis (MARRA et al., 2015). A incerteza sobre o futuro que os esperam, o estigma de se tornar inativo e a hipótese de que a saúde e o bem-estar estão ligados ao trabalho, são os principais fatores que afetam as mudanças da identidade dos sujeitos.

Para compreender os processos de mudança na identidade dos servidores públicos próximos à aposentadoria, utilizou-se Ciampa (1987) como principal marco teórico. Ciampa (1987) entende identidade como metamorfose, pois está em constante transformação, é o resultado provisório da relação intrínseca entre a história da pessoa, o contexto histórico e social, seus planos e suas realizações, ou seja, o equilíbrio entre a identidade realizada e a idealizada. A identidade é vista como algo dinâmico e sempre a ser trabalhado, sendo assim, nunca voltará à mesmice. A superação da identidade passada é o que se denomina metamorfose. Nesta pesquisa, as diversas metamorfoses identitárias foram analisadas a partir dos discursos dos sujeitos sobre sua trajetória de vida pessoal e profissional. Destaca-se que ao construir seu discurso os entrevistados selecionaram eventos e momentos que consideraram importantes para produzir sentido a sua trajetória. Tais eventos e momentos foram analisados utilizando-se a Análise de Discurso (AD).

Durante o desenvolvimento da pesquisa, obteve-se como justificativa a reduzida produção de estudos que contextualizam a metamorfose identitária e aposentadoria em estudos organizacionais. Segundo Wang e Shultz (2010) os estudos sobre aposentadoria têm sido desenvolvidos por ciências como Gerontologia, Psicologia, Sociologia e Economia. Concomitantemente, tem-se a discussão sobre o envelhecimento populacional que começa a migrar das áreas da saúde física e mental para o campo da administração. Porém, ainda se releva incipiente, apesar do número de pesquisas sobre o tema estar aumentando (LOCATELLI e FONTOURA, 2013)

Partindo dessas justificativas e assumindo um pressuposto em que se acredita em uma realidade que não é predeterminada e tendo por base epistemológica o construcionismo, tem-se o problema da pesquisa: Quais são as metamorfoses identitárias percebidas pelos servidores públicos próximos à aposentadoria?

Para a construção do referencial teórico, discorreu-se sobre as teorias que abordam a metamorfose identitária, as múltiplas identidades e os papéis impostos pela sociedade, assim como os significados do trabalho para a construção e desconstrução das identidades. Posteriormente, detalhou-se a metodologia utilizada. Em seguida, foram os dados foram discutidos e analisados para serem tecidas as considerações finais.

Identidade: algumas abordagens

A identidade é percebida como um construto complexo, multifacetado e sujeito às adaptações nas suas respectivas realidades. Sendo assim, a identidade pode ser tratada como um sistema de sentidos produzido pelo indivíduo na confrontação entre sua história e sua realidade, no qual os sujeitos procuram se reconhecer e delimitar seu espaço de acordo com a situação que estão enfrentando (CARRIERI et al., 2008).

Segundo Hall (2006), a identidade na modernidade é caracterizada pelos processos de fragmentações, como uma colcha de retalhos que vai sendo moldada às rupturas do próprio interior e refletidas no exterior e não apenas marcadas pelos rompimentos sem condições de precedentes. Carrieri et al.(2008) defendem que os estudos de identidade deveriam ser substituídos por estudos de identificação, contrapondo à rigidez, estabilidade, durabilidade e centralidade dos conceitos abordados. Contudo, Hall (2006) aborda a identificação como um possível problema, onde o processo pode transformar a identidade desejada em algo mais provisório, variável e problemático.

Os fatores que influenciam na identidade individual podem ser psicológicos, como os tabus que a sociedade insere em nosso conhecimento, o medo do desconhecido e a morte social. Na maioria das ocasiões, os indivíduos se sujeitam a algumas identidades apenas por instinto de sobrevivência, outras identidades são sobrepostas e são apenas aceitas, como se não houvesse contestação (CIAMPA, 1987).

Ciampa (1987, p.131) afirma que “a minha identidade reflete no outro e a dele na minha”. Assim, por processos de identificação e/ou exclusão fazemos nossas escolhas e essas alternativas nos aproximam ou nos distanciam de certas características. Algumas características são impostas consciente ou inconscientemente pelos grupos sociais. Essa dualidade no social, o caráter dinâmico e complexo são reforçados quando se afirma que a identidade

Pode ser conceituada como um processo complexo e multifacetado que produz um resultado temporário e negociado socialmente por meio da interação dinâmica entre lutas internas e prescrições externas, entre auto apresentação e rotulagem pelos outros, entre desempenho e atribuição, entre regulação e resistência (YBEMA et al., 2009 p. 301).

Portanto, os sujeitos constroem e reconstróem suas identidades, de acordo com a necessidade de assumir novos papéis na sociedade. Os papéis são caracterizados por normas estruturadas e pré-estabelecidas pelas instituições e organização da sociedade, já as identidades são caracterizadas pelos significados criados e atribuídos pelos sujeitos ao longo de sua construção e reconstrução (CASTELLS, 2006). A sociedade impõe papéis (filho, filha, pai, mãe, trabalhador, aposentado, entre outros) para os sujeitos que podem ser interpretados de variadas formas, sendo identificados nos diversos contextos socioeconômicos, político e cultural (ANTUNES et al., 2013).

Segundo Ciampa (1987) alguns desses papéis se transformam ou morrem e por isso são construídas novas identidades com o nascimento de outros papéis. A transformação ou metamorfose constante dos papéis constitui a identidade pessoal de cada indivíduo. Para a construção e desconstrução da identidade são levados em consideração fatores que influenciam diretamente na identificação dos grupos sociais e a aceitação da sociedade com cada característica particular.

A “morte” do papel de trabalhador e o “nascimento” do papel de aposentado estão atrelados a construção das identidades pessoal e profissional. Concomitantemente, tem-se que “a perda do papel profissional é uma ruptura com os laços estabelecidos pelo sujeito durante vários anos” (SANTOS, 1990, p.28). E a perda deste papel social pode acarretar várias modificações em conjunto de dimensões das múltiplas identidades.

O sentido de unidade é atingido pela perda de um papel que durante muitos anos faz parte da imagem e da definição de si mesmo; a aposentadoria acarreta uma reorganização da multiplicidade das identidades que se organizam na identidade pessoal; com a perda do papel profissional, o sujeito perde também seu poder enquanto ator social e seu valor com relação a uma sociedade voltada para a força de produção. (SANTOS, 1990, p.29).

Assim, como os sujeitos vão lidar com o novo papel de aposentado vai depender de seus

recursos disponíveis, Os recursos podem ser definidos como a capacidade total de um indivíduo para cumprir suas necessidades avaliadas como centrais, podendo ser recursos físicos, cognitivos, motivacionais, financeiros, sociais e emocionais. Tal concepção está presente na Teoria de Recursos Dinâmicos que afirma que a facilidade de ajuste da aposentadoria é o resultado direto do acesso do indivíduo a tais recursos. Quando as pessoas têm mais recursos para atender às necessidades que eles valorizam na aposentadoria, elas vão ter menos dificuldade de adaptação à aposentadoria (WANG et al., 2011). Considerando tais recursos, destacam-se quais os significados que o trabalho assume durante a vida ativa do trabalhador.

O significado do trabalho e a proximidade da aposentadoria

O trabalho pode ser considerado como o eixo fundamental na vida dos seres humanos, tendo como pressuposto que vive-se em uma sociedade de produção e em consequência da produção (SANTOS, 1990; DEJOURS, 2004; ANTUNES et al., 2013). É a partir do trabalho que se define o grupo de amigos, as atividades extras, os lazeres e as relações interpessoais.

Cada sujeito tem valores e concepções diferenciadas, fazendo com que os significados do trabalho também sejam diferentes. Utilizou-se o termo significados do trabalho, para representar o significado individual, coletivo/grupal e social atribuído a ele; pela utilidade do trabalho para a organização; auto-realização e satisfação gerada pelo trabalho; pelo sentimento de desenvolvimento e evolução pessoal e profissional; e pela liberdade e autonomia existentes para a execução do trabalho (ANDRADE et al., 2012).

Uma vez que o trabalho possui tal relevância na vida do ser humano, é possível conjecturar acerca das repercussões que o seu desligamento ocasiona na identidade, no caso da aposentadoria, o que pode resultar em crise, sentimentos de vazio e solidão (ANTUNES et al., 2013). Assim, a proximidade da aposentadoria é um momento marcante na vida de todos os profissionais, independente de sexo, escolaridade, renda, classe social e ocupação exercida, pois traz consequências nos âmbitos organizacional, social e individual, dentre outros (MARRA et al., 2015). Este marco está relacionado à troca dos papéis, à saída do papel de ativo para a entrada do estigma de se tornar inativo, deixar o papel de trabalhador de lado e começar a exercer o papel de avô, pai e aposentado (SANTOS, 1990). Portanto, o momento da pré-aposentadoria pode ser o momento de repensar e vivenciar rupturas nas relações sociais, frustrações e inseguranças, o que leva o sujeito a indagar seu futuro e o novo cotidiano (BARBOSA e TRAESEL, 2013; ANTUNES et al., 2013). Como características constituintes da aposentadoria, Antunes et al (2013) reforçam a inquietude de lidar com o momento da transição, vinculado a aceitação ou a negação do novo papel.

A maioria dos trabalhadores, ao longo de sua vida, concentra seus esforços em cuidar da carreira profissional e descuida das dimensões de lazer e família. Assim, eles estabeleceram uma profunda dependência com a organização à qual estavam vinculados, e a principal, senão a única, identidade desenvolvida foi a de “trabalhador” (MARRA et al., 2015). Desta forma, esta pesquisa buscou analisar as transformações sofridas nas identidades dos servidores públicos federais que estão na eminência da aposentadoria.

Percurso Metodológico

Para alcançar os objetivos deste estudo, optou-se por uma pesquisa qualitativa e descritiva. O fenômeno estudado foi as metamorfoses identitárias percebidas por servidores públicos de uma universidade federal no momento da pré-aposentadoria. Por se tratar de um fenômeno particular, foi utilizado o método do estudo de caso para responder às questões



sobre “como” e “por que” isto ocorreu, considerando que há pouca possibilidade de controle sobre o pesquisado (YIN, 2001).

Primeiramente, foi realizada uma pesquisa documental no banco de dados da universidade, quando se buscou saber quais servidores técnicos administrativos se encontravam na situação eminente de aposentadoria, no momento da coleta de dados. Para aposentar-se, o grupo pesquisado ainda é regido pela Lei nº8112/90, ou seja, deve ter o tempo de trabalho igual ou superior a 35 anos de dedicação e 55 anos de idade para os homens. Encontravam-se nesta situação 22 servidores. Para este estudo, foram realizadas entrevistas em profundidade com seis servidores selecionados de acordo com a acessibilidade e disponibilidade em participar.

Durante as entrevistas, esses servidores começaram a contar sua trajetória de vida pessoal e profissional, contextualizando os locais em que já trabalharam e como começaram a trabalhar na universidade. Eles também relataram quais as atividades que desenvolviam, cargos que ocuparam setores e anos trabalhados. Dentro do contexto pessoal, relataram sobre os laços afetivos como casamentos, filhos, enteados e dependentes. Foram abordados temas da realidade cotidiana de cada entrevistado, sobre o que eles realizavam nas horas vagas e quais seriam os planos para a aposentadoria.

Com o intuito de estudar a produção de sentidos e a construção da identidade dos entrevistados, foi utilizada a análise de discurso de corrente francesa (AD) para a análise dos dados. A utilização da AD viabilizou aos pesquisadores uma perspectiva interpretativa e construtivista, pois se parte do pressuposto de que a realidade cotidiana dos sujeitos é historicamente construída a partir de práticas discursivas que contêm significações simbólicas aos elementos que constituem a interação humana. Essas práticas são resultados de relações de poder e reprodutoras delas (SOUZA e CARRIERI, 2012).

Os elementos de análise do enunciado se revelaram de suma importância para a construção dos discursos e as análises que foram feitas. Como elementos utilizaram-se: a seleção lexical (o posicionamento intencional do enunciatador se revela nas palavras que ele escolhe para se comunicar); as personagens criadas para defender ou opor às ideias propostas, os silenciamentos, implícitos e explícitos, e o interdiscurso, como relação de afinidade com outros discursos (FARIA, 2009; FARIA e LINHARES, 1993).

Todos os entrevistados são homens, casados, possuem de 2 a 4 filhos, estão entre 55 e 63 anos. O trabalho na Universidade foi o segundo ou terceiro emprego. Quatro dos entrevistados ingressaram Universidade sem a realização de concurso público. Com relação à escolaridade, todos têm ensino médio completo, mas estudaram somente após a implantação do plano de carreira dos servidores que atrela escolaridade a salário. O tempo de trabalho na universidade varia de 34 a 42 anos. Para efeitos da análise, os entrevistados foram identificados como E1, E2, E3, E4, E5 e E6.

Análise e discussão dos resultados

Durante as análises foi elaborada uma linha cronológica imaginária das identidades percebidas nos discursos dos entrevistados. Essa linha cronológica teve o intuito de alinhar as identidades pessoais e profissionais em uma perspectiva do sujeito no tempo e espaço. Contudo as identidades não são excludentes, ou seja, as identidades são acumulativas (CIAMPA, 1987).

As trajetórias descritas pelos servidores estão relacionadas às diversas fases de suas vidas, associadas as suas vivências passadas, ao que estão vivenciando e ao que imaginam que viverão. Portanto, o discurso da trajetória de vida deles foi construído a partir do contexto social em que eles estão inseridos, do momento que estão vivendo e o ponto de partida que está em um futuro próximo: a aposentadoria.

Num primeiro momento da análise, foi realizada uma releitura em profundidade das entrevistas e selecionados os trechos dos discursos que compuseram o corpus da pesquisa. Posteriormente, na análise do corpus foram identificadas as seguintes identidades comuns a todos os entrevistados, assim nomeadas: Servidor filho; Servidor funcionário público; Servidor social; Servidor pai; Servidor educador; e Servidor aposentado.

Servidor filho

O servidor filho foi identificado em todos os entrevistados. Todos foram criados na roça, com muitos irmãos e dificuldades financeiras. Eles relatam uma vida de dificuldades e superação.

Eu fui uma pessoa que nasci na roça [...]. Somos em 10 irmãos. Trabalhei demais desde menino com 12 anos, já trabalhava na roça, ajudando meus pais, capinava, fazia cerca [...] Quando terminava escola aqui eu ia e voltava para casa, e já agarrava no trabalho à tarde com meu pai de novo. (E2)

Eu já passei por muita dificuldade. Onde eu fui criado a gente não tinha estudo direito. A gente tinha que trabalhar, estudar e trabalhar e tinha que sair daqui e depois ir pra roça trabalhar, ajudar meus pais.(E5)

Os tempos difíceis eram atribuídos à falta de oportunidade de estudos e de tempo de dedicação ao mesmo. Eles argumentam que depois de estudar ainda tinham que ajudar nas tarefas da roça, um trabalho braçal e que exigia muito esforço. Para os entrevistados, naquela época, dedicar-se aos estudos não era prioridade para os pais. Um bom filho era aquele que trabalhava duro no campo e ajudava a criar os irmãos mais novos, obedecendo às regras pré-estabelecidas socialmente. Um exemplo em que a regra do pai era a que prevalecia, o entrevistado 2 conta uma de suas experiências de submissão, para ser considerado um bom filho.

Cheguei em casa todo entusiasmado, porque eu ia estudar e ia tirar a admissão. Eu tinha vontade de estudar. Falei com pai: Pai, segunda-feira o senhor vai lá para poder fazer minha matrícula. Aí ele respondeu: A sua admissão está aqui, uma enxada deste tamanho e uma pá! (E2)

O interdiscurso do pai reflete as relações de poder da época. Ressalta-se que tais relações são uma construção social e como tal sofrem alterações constantes em decorrência da tradição do lugar e do momento em que estão inseridas (BERGER e LUCKMANN, 2002). O pai é utilizado pelo enunciador como um símbolo de domínio e repressão para justificar os motivos de não ter estudado anteriormente.

Posteriormente, quando eles saíram da roça, e puderam ter um trabalho relativamente mais leve e tiveram a oportunidade de estudar, e se qualificar ao longo da vida profissional, como exemplificado abaixo.

Eu trabalhava dentro da cozinha, montando a mesa dos professores, fazendo uma co-midinha diferente, aí fui fazendo cursos pelo Senac, no Senac Belo Horizonte. Eu saía daqui às seis horas da tarde, com uma kombi preta que tinha aqui, e levava uma turma, pegava a aula das 6 às 10 da noite. (E2)

Nos fragmentos selecionados acima do entrevistado 2, pode-se perceber que a seleção lexical do verbo que ele utiliza, está no gerúndio “fazendo”, destacando aqui uma ação de continuidade de seu interesse pelo aprendizado e maior qualificação ao longo de sua vida profissional. O entrevistado denota também que em um dos seus estudos ele pôde contar com transporte oferecido pela Universidade, e ao citar seu horário de aula ele deixa implícito que os estudos eram realizados após o seu horário de trabalho.

Hoje eu estou estudando, porque antes eu não tive oportunidade de estudar. Hoje eu estou fazendo um curso superior, estou fazendo gestão pública, eu e uma turma aqui. (E5)

Em contrapartida, este outro servidor decidiu estudar somente na pré-aposentadoria. Os motivos podem ser diversos, como o interesse de subir no plano de carreira e se aposentar com um salário melhor, ou até mesmo um valor equivalente ao que ele recebe atualmente. Destaca-se que a chegada da aposentadoria se remete à perda de alguns benefícios financeiros para o servidor, tais como: vale alimentação, insalubridade e periculosidade. A referência temporal em que o entrevistado utiliza “hoje”, confirma os motivos do seu interesse no plano de carreira.

Seguindo o mesmo discurso de tempos difíceis o entrevistado 1, teve uma trajetória de vida conturbada, mas com um final diferente dos outros. Ele perdeu os pais biológicos quando recém-nascido, então a identidade de servidor filho não apareceu tão explícita quanto nos outros, mas foi criado pelos tios nas dependências da Universidade, e demonstra muita gratidão pelo que foi oferecido a ele.

E morei com o pessoal nas dependências lá da Universidade, lá naquelas casinhas para funcionários, como tem aqui, (pausa) a partir daí, me levaram para estudar. Eu sempre estudei em escolas públicas. Sempre tive ótimas notas. Fui um aluno exemplar. [...] Eu sou formado em Letras, e prestei um concurso aqui em 94 para professor, mas não obtive êxito para tal. (E1)

Nos enunciados do entrevistado, percebe-se que ele teve uma vida de muitas mudanças, quando ele se refere ao “pessoal”, isso atribui as diversas casas por onde ele passou. Em contrapartida, ele ressalta seu estudo, buscando enfatizar que apesar de todas as dificuldades sempre se manteve persistente e esforçado durante toda a sua trajetória de vida. Porém, ele é traído pela enunciação “mas não obtive êxito para tal”, quando ele se refere ao concurso realizado. Ao escolher este tema, o enunciador mostra que a não aprovação no concurso foi para ele uma negativa social, uma vez que ele cresceu em um ambiente universitário, é como se apesar de todo o esforço não alcançou o sucesso almejado, e esta insatisfação pode ser concretizada quando ele parte para outras áreas acadêmicas mencionadas em seu discurso.

Servidor Funcionário Público

Pela continuidade da trajetória profissional dos servidores, eles se deparam com a contratação da Universidade, que na época era uma Fazenda-Escola. Eles ainda não eram servidores públicos, mas existia a possibilidade da efetivação. Esta foi a forma de ingresso de quatro dos entrevistados.

Todos os entrevistados tiveram poucos empregos antes da Universidade e trabalham na instituição por mais de 34 anos. Este fato contribui para uma forte identificação com a organização. Fica recorrente na fala de diversos entrevistados a relação afetiva do servidor com a Universidade, destacando o amor (“estou no céu”) e a gratidão (“ tudo o que tenho hoje eu tirei daqui”). A partir desses discursos, surge a identidade do servidor público, pois eles já tinham a identidade de trabalhador, o serviço público lhes proporciona a tão sonhada independência financeira e “emocional”. Assim, eles assumiram sua nova personagem (servidor público); identificaram-se com a universidade, e tornaram-se um novo “eu” (CIAMPA, 1987).

É neste aspecto que a identidade profissional fica mais visível nos discursos dos servidores, a Universidade em algumas ocasiões acaba se tornando a outra família ou casa dos funcionários, pois é onde eles passam a maior parte do tempo, e os colegas de trabalho se tornam amigos e surge a identidade de servidor amigo e a recíproca se torna verdadeira. Essas afirmações podem ser observadas nos fragmentos abaixo.

Aqui é a minha segunda casa. (E4)

Então assim, significa tudo, é uma vida, é um meio de você conseguir todas as suas coisas, tudo que eu tenho hoje eu tirei do meu sustento daqui. (E6)

A partir das análises das entrevistas destaca-se que o trabalho desempenha um papel importante no sentido de indivíduo, como em Ciampa (1987) vivemos da criação e alimentação dos papéis sociais, das personagens e sentidos atribuídos. Enquanto a identificação com papéis de trabalhador e a ênfase da própria ocupação nas interações sociais, permanece a ligação entre trabalho e construção da identidade é mantida (MARRA et al., 2015).

Isso pra mim é a maior riqueza. Nossa! Porque inclusive tudo que eu posso fazer eu faço, porque veja você tudo que eu tenho eu hoje foi tirei daqui. (E3)

Em seu enunciado, quando o entrevistado diz “porque inclusive”, ele está levantando uma justificativa por se identificar com a organização onde trabalha. Outra característica comum aos enunciados, é a referência aos acontecimentos como obras divinas e sempre deve-se agradecer por elas, utilizando-se do interdiscurso religioso, é como se o Deus referenciado fosse a universidade e seus seguidores fossem os servidores.

A partir da identidade de servidor público também destacam-se os setores e o tempo de trabalho de cada um. Segundo Santos (1990), quando há uma identificação social com as atividades exercidas, quanto mais adaptado ao trabalho, melhor você o desenvolverá e assim ficará no setor por mais tempo.

Eu iniciei aqui em 6 de março de 1978, e vim trabalhar nos serviços gerais, e... (pausas longas), depois comecei a desempenhar minhas atividades no setor de máquinas agrícolas, em um período bem maior, em torno de vinte e dois a vinte e cinco anos mais ou menos. [...] Eu estou aqui até hoje no serviço de vigilância, e estou me guardando para tão esperada aposentadoria (risos). (E4)

Os servidores trabalharam a maior parte do tempo em um único setor. O enunciado de E4 é marcado por pausas longas que exprimem que o cuidado na seleção lexical ao referir-se aos serviços que já executou. Contudo, traz um ar de ressentimento em que as coisas não estão ocorrendo muito bem, e está à espera do tempo para a aposentadoria. E ao mesmo



tempo, explana sentimentos de leveza, como se estivesse por vir notícias boas. Sua demora, a seleção lexical e os risos, aparecem como sinais de nervosismo e podem representar o medo por não saber o que estar por vir ao se aposentar. Como características da pré-aposentadoria surge a incerteza e a inquietude de lidar com o fato da transição, aceitação e/ou negação (ANTUNES et al., 2013).

Servidor Social

Algumas características desta identidade são impostas conscientes e até inconscientes pelos grupos sociais, para que haja a aceitação do grupo para com o indivíduo (Ciampa, 1987; Santos, 1990; Carrieri et al., 2008, Ybema et al., 2009; Marra et al., 2015). As identidades vão sendo construídas a partir das interações sociais, formam-se os vínculos afetivos e emocionais com os indivíduos e grupos. Assim, a identidade profissional tem uma relação intrínseca com os parceiros de trabalho, pois é com eles que se passa boa parte da vida. Quando esses laços são positivos, a identificação do servidor com o trabalho tende a ficar cada vez maior.

Aqui vai ser a convivência, aqui no dia a dia com os colegas, com o trabalho. Não só com os funcionários, com os alunos, com os professores, cursista, com a gente de fora que vem, é gostoso você estar ali. (E4)

Como exemplificado por E4, o ambiente social em que o servidor está inserido, faz parte da sua identificação como um todo, as pessoas que estão a sua volta são influenciadas e influenciam na metamorfose identitária. Neste trecho, o entrevistado transforma o trabalho em uma personagem do seu cotidiano. Na seleção lexical “convivência”, ele generaliza para além dos colegas de trabalho, para aqueles os que frequentam o seu setor e a sua rotina de trabalho.

Servidor Pai

Seguindo uma linha cronológica na história de vida pessoal e profissional, após o funcionário criar a identidade de servidor trabalhador, cinco dos seis entrevistados constituíram família e se tornou o servidor pai de família, o servidor que agora possui dependentes e é o provedor do sustento.

Tenho duas filhas, uma formou aqui, fez dois cursos [...] lá ela formou, casou e ficou por lá mesmo [...]. A outra está com vinte anos. Fez os dois cursos também. (E6)

No enunciado do entrevistado 6, ele mostra a identidade de servidor pai, ele demonstra que é um pai orgulhoso pelas conquistas das filhas alcançadas, e que pode acompanhar de perto e ter participação direta, até a chegada do casamento. O casamento da filha é considerado por ele como uma barreira para o contato, a expressão “casou e ficou por lá mesmo”, indica que ela alcançou o sucesso e conseguiu constituir a sua própria família, mas em contrapartida distanciou-se das raízes.

Eu tenho duas filhas, já casadas, do outro casamento, [...] mas eu tenho dois filhos: um de 13 anos super inteligente graças a Deus e o outro com 9 também inteligentíssimo. (E2)

Já o entrevistado 2, mostra uma identificação de pai mais coruja com os dois filhos caçulas, pode-se arremeter ao fato de que do segundo casamento os filhos foram homens, e do primeiro só mulheres. Foram criados em uma época totalmente diferente das outras duas e, portanto o tratamento também diferenciado, o que pode ser associado também a total dependência financeira e emocional dos filhos homens. Para tanto, assim como Severina, descrita por Ciampa (1987), ao ganhar o filho, ela ganha a identidade de mãe e todas as suas prioridades se transformam. Neste momento, a metamorfose é mais explícita e em comparação com os servidores, o sentimento de responsabilidade, ser um chefe de família, estar à frente das situações e se orgulhar pelo sucesso alcançado dos filhos é o que caracteriza esta nova identidade.

E com a chegada da nova identidade, é chegada também uma nova oportunidade de sucesso, então os pais refletem nos filhos o sucesso em que não tiveram. Em geral, eles utilizaram os interdiscursos religioso e capitalista em seus enunciados. Tal estratégia discursiva foi utilizada para legitimar seu posicionamento enquanto bom pai que quer garantir o futuro e o sucesso dos filhos através dos estudos.

Ao se tornar um chefe de família, estar à frente das situações do lar e da educação dos filhos, os servidores levam este aprendizado, esta nova identidade para o ambiente de trabalho e então surge uma nova identidade o servidor educador.

Servidor Educador

Nesta identidade de servidor educador, a percepção dos entrevistados é de aumentar conhecimentos nos filhos dos outros. Os entrevistados se comparam aos professores ao ressaltarem sua contribuição para o aprendizado dos alunos, colegas de trabalho, comunidade que participa de cursos de extensão e até de alguns professores.

Aqui é uma escola, e eu falo assim: Eu sou um professor aqui, não é só você está na sala de aula, ensinando o bê-á-bá lá, eu sou um professor aqui dentro, aqui tem normas, eu tenho que ensinar as normas, respeitar.(E2)

No enunciado de E2, é possível perceber a identidade do servidor educador nas expressões “eu sou um professor aqui”; “podendo informar, ensinar”, essas são premissas de educadores, e são discursos utilizados para justificar enquanto sua utilidade, apesar de não ser formado para tal.

Há ainda aquele servidor que procura ser reconhecido como educador perante os alunos, uma das formas simbólicas que eles têm de serem reconhecidos são as homenagens durante os cerimoniais de formatura. Segundo Santos (1990), a sua identidade só é construída quando o outro a confirma, e neste caso, a identidade profissional do servidor é construída dentro da Universidade pelos alunos, como segue no fragmento abaixo.

Eu inclusive já fui homenageado três vezes nessas formaturas.(E5)

Porque se não fossem os alunos eu estaria na roça roçando pasto ou capinando, trabalhando pra algum fazendeiro. (E3)

Nestes fragmentos, o reconhecimento dos alunos para com os servidores é fundamental na construção das identidades. Quando o entrevistado 5 se remete à seleção lexical “eu



inclusive”, deixa explícito seu prestígio. Ele é reconhecido pelo grupo e tem provas físicas (premiações) desse reconhecimento. Por sua vez, o entrevistado 3, enfatiza o seu reconhecimento para com os alunos, “se não fosse os alunos eu estaria”. Este fragmento representa a não continuação dos tempos difíceis descritos anteriormente, em função da existência dos alunos. Para todos os entrevistados, fica evidente a necessidade dos outros para se constituírem enquanto pessoas e profissionais.

Servidor Aposentado: a identidade do futuro

O modo de reorganizar a vida no momento da aposentadoria pode variar de indivíduo para indivíduo dependendo dos recursos físicos, emocionais, sociais de cada um (WANG et al., 2011). Enfatiza-se que quando as pessoas imaginam e fazem planos para o momento de sua aposentadoria durante sua vida ativa, preparam-se e passam melhor por esta etapa (MARRA et al., 2015).

Os indivíduos não têm a percepção de que o futuro será algo dinâmico e por mais planejado que tenha sido, ele sofrerá alterações, no entanto, os servidores preferem acreditar que tudo está como antes e “supõe como fixo, coerente e estável, é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2006, p. 9). Lembrando-se que os planos são múltiplos, envolvendo as esferas social, familiar e profissional, os entrevistados enfatizaram tal diversidade.

Eu penso em ficar a toa mesmo. Ficar junto com a esposa dentro de casa, porque eu saio muito[...] Passear mais também, vê uns vizinhos (risos). (E6)

No enunciado do entrevistado 6, é possível perceber que ele ainda tem planos para ser um servidor inativo, ele sabe das origens e que vai voltar a ficar em casa, mas não tem dimensão do que é estar aposentado pelo resto da sua vida. E pelo fragmento, “ver uns vizinhos”, passa uma ideia de que ele passa tanto tempo fora de casa, que nem conhece mais quem são os próprios vizinhos. Outros planejam a aposentadoria como possibilidade de dedicar o tempo ao lazer e atividades desportivas.

Eu penso e eu quero muito viajar. Eu quero pescar. Quero trabalhar também, porque eu não vou dar conta de ficar parado de “férias” o resto da vida até eu morrer (risos). Eu quero ter uma vida mais independente pra essas coisas. (E3)

No contexto deste enunciado, o entrevistado deixa implícito a necessidade de mais momentos de lazer, pela frase “quero ter uma vida mais independente para essas coisas”. Ele relata não ter tempo disponível para se dedicar a viagens e pescaria, aspecto que considera se resolver com a pescaria. Em ideia contrária ao entrevistado 6, tem noção de que não conseguirá ficar parado e aponta a continuidade do trabalho como uma necessidade. Ele ainda tenta minimizar o impacto da palavra aposentadoria, quando se refere a ela como “férias”.

Os sentimentos com relação à aposentadoria podem ser ambivalentes. Muitas vezes, a possibilidade de parar de trabalhar entra em conflito com o medo do tédio, da solidão, da instabilidade financeira e de doenças (WANG et al., 2011; MARRA et al., 2015). A satisfação com o trabalho, também, faz com que a aposentadoria seja adiada. No caso dos servidores públicos federais, eles podem adiar este momento até a aposentadoria compulsória aos 70 anos (Lei nº8112/90). Os entrevistados têm essa consciência, mas formulam justificativas e se recusam a fazer planos numa tentativa de evitar essa realidade.

.Eu nem faço planos, porque eu não quero aposentar, é só quando o computador cuspir eu para fora mesmo [...] com 70. (E2)

Estou com saúde, eu vou ficando, porque se eu aposentar hoje é capaz de eu adoecer. Por incrível que pareça eu não tenho paciência de ficar em casa de jeito nenhum. (E5)

No enunciado de E2 fica explícita a negação da aposentadoria. Ao não fazer planos ele tenta afastar este momento. O verbo 'cuspir' é usado no sentido de expelir algo que não está fazendo bem, está ligado à questão de rejeição, como se após completar os 70 anos, a Universidade o rejeitasse. O enunciado de E5 traz explícita a relação trabalho e saúde. A maioria dos entrevistados fazem a ligação da aposentadoria com a morte social e física. E5 explora a ideia de que não conseguirá ficar parado como outros aposentados, se remetendo a representação social da aposentadoria como inutilidade e ociosidade. Nesta última fase é onde se encontram os maiores sintomas de resistências e as metamorfoses se tornam mais nítidas, sempre associando sua saída as condições de saúde ou a imposição da aposentadoria compulsória.

A proximidade da velhice e o medo do adoecimento também aparecem como fonte de resistência à aposentadoria, tendo em vista a ênfase na juventude, na beleza, na autonomia, na independência e na capacidade de produzir, na maioria das sociedades contemporâneas (MARRA et al., 2013). O enunciado 2 demonstra que a aposentadoria, remete aos adoecimentos e aos remédios, assim ficando à espera da morte.

Aposenta, você gasta mais, porque vêm os remédios, vêm aquelas coisas, querendo ou não, nós vamos passar por isso, todos nós vamos passar por isso. Então, eu já estou me preparando para isso e esperar a vontade de Deus para ir, e largar o mundo que eu amo de paixão. Não...eu vou estar bem decadente. (E2)

Em contrapartida, E4 encara a aposentadoria como uma nova oportunidade de vida, podendo dedicar aos estudos. Contudo, ao utilizar as palavras "talvez" e "às vezes". deixa implícito sua insegurança de não saber o que lhe espera no futuro.

Quero assim talvez, eu vou ter mais tempo às vezes eu penso até em estudar mais. (E4)

As várias identidades dos servidores públicos federais entrevistados foram confrontadas pelos indivíduos entre sua história e sua realidade, nas quais os sujeitos procuraram se reconhecer e delimitar seu espaço de acordo com a situação que estão enfrentando (CARRIERI et al., 2008), a proximidade da aposentadoria. Os entrevistados, em suas metamorfoses identitárias se revelaram singulares, com um processo único para cada um deles a partir de suas escolhas e trajetórias únicas, e genéricos, ao mesmo tempo, ao focarem suas identidades nos papéis sociais representados.

Considerações Finais

A partir da análise dos dados da pesquisa, pode-se observar que o relato dos entrevistados afirmam a existência das várias identidades construídas ao longo das trajetórias pessoal e profissional. Para a compreensão, das metamorfoses identitárias na fase da pré-aposentadoria, utilizou-se de papéis sociais e personagens para classificar essas identidades. Na pré-aposentadoria, o trabalho foi associado não só como fonte de renda financeira, mas também

como prestígio e saúde. A análise dos discursos sobre as metamorfoses das identidades teve seu início na infância e seguiu até a proximidade da velhice, enfatizando suas histórias e escolhas de ontem, de hoje e o imaginário do amanhã.

Na análise dos dados as identidades reveladas foram as de servidor filho; servidor funcionário público; servidor social; servidor pai; servidor educador; e servidor aposentado. Eles começam a relatar suas histórias enquanto filhos, justificando muitas de suas decisões na vida adulta. A origem humilde e a não possibilidade de estudar marcaram a identidade de servidor filho. Posteriormente, destacam seu ingresso na Universidade, a maioria sem concurso público, e o início de uma nova vida, com a garantia da estabilidade no emprego, um bom salário e o prestígio de ser servidor público federal. Os discursos são marcados por histórias de realizações e gratidão pelas oportunidades proporcionadas pela instituição. No servidor social enfatizam as relações de amizade construídas ao longo de sua vida profissional. Na identidade de servidor educador é enfatizada sua importância na formação dos alunos e seu prestígio perante a comunidade universitária. No servidor pai, os entrevistados também focam sua atenção na educação dos filhos e nas oportunidades que eles puderam proporcionar a esses filhos, principalmente por serem funcionários públicos. Por último, surge o imaginário da identidade do futuro, a de aposentado. Eles imaginam ou se recusam a imaginar como será sua vida após sua aposentadoria. Alguns tratam esse momento como uma possibilidade de novas descobertas e caminhos, outros, apreensivos, tentam evitar a todo custo esta hora. Contudo, a única certeza que têm, é que ela vai chegar.

No que se refere à centralidade do trabalho nas identidades dos servidores públicos, percebeu-se a relação intrínseca com o legado, deixar histórias, se manter saudável e independente. Os entrevistados fizeram analogias entre trabalhar e se manter vivo, revelando o medo de se tornar inativo. Destaca-se que pensar e planejar a aposentadoria antes da sua chegada significa repensar todas as suas relações sociais. Alguns dos entrevistados já relatam em sua identidade no futuro que diante do tempo livre, eles planejam se dedicar a outras atividades como trabalhos extras, viagens e tempo de lazer.

Destaca-se a relevância das universidades implantarem práticas de gestão de pessoas voltadas para os servidores em fase de pré-aposentadoria. Além das palestras ministradas em Programas de Preparação para a Aposentadoria, implantados em parte das universidades federais, também seria interessante proporcionar atividades, como novas qualificações, grupos de convivência, esportes e lazer, que possibilitassem a melhor aceitação dessa nova identidade.

Como limitação desta pesquisa, tem-se a inerente ao método do estudo de caso e a recusa de alguns sujeitos em participarem das entrevistas. Para futuras pesquisas sugerem-se estudos que contemplem os docentes na fase de pré-aposentadoria e a ampliação dos sujeitos pesquisados, incluindo outras universidades.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, S. P. C.; TOLFO, S. R.; DELLAGNELO, E. H. Livramento Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental e substantiva: interfaces entre a administração e a psicologia. *Rev. adm. contemp.*, Abr. 2012, vol.16, no.2, p.200-216.

ANTUNES, M. H.; SOARES, D. H. P.; SILVA, N. Aposentadoria e contexto familiar: um estudo sobre as orientações teóricas da produção científica. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, v. 3, n. Num. Esp., p. 45-56, 2013.

BARBOSA, T. M.; TRAESEL, E. S.. Pré-aposentadoria: um desafio a ser enfrentado. *Barbaroi* [online]. 2013, n.38, pp. 215-234. Acesso em 02/05/2015.

BERGER, P. L., LUCKMANN, T. A construção social da realidade (21. ed.). Petrópolis, RJ:

Vozes, 2002.

BRASIL. LEI Nº 8.112, DE 11 DE DEZEMBRO DE 1990 Dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais.

CARRIERI, A. P.; PAULA, A. P. P.; DAVEL, E. Identidade nas organizações: múltipla? Fluida? Autônoma?. *Organizações & Sociedade*, v. 15, n. 45, art. 8, p. 127-144, 2008.

CASTELLS, M. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CIAMPA, A da C. A estória do Severino e a História da Severina. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, dez. 2004.

FARIA, A .A. M.. Aspectos de um discurso empresarial. In: CARRIERI, A.P.; SARAIVA, L.A.S.; PIMENTEL, T. D.; SOUZA-RICARDO, P.A.G.. (org). *Análise do discurso em estudos organizacionais*. 1ed. Curitiba:juruá. Ed.,2009, p.45-52.

FARIA, A. A. M. de, LINHARES, P.T.F.S.. O preço da passagem no discurso de uma empresa de ônibus. *Cadernos de pesquisas do NAPQ*, 1993, 13. p.32-38.

LOCATELLI, P. A. P. C.; FONTOURA, D. D. S. Envelhecimento populacional e os estudos em Administração. *Gestão e Sociedade*, v. 7, n. 17, p. 273-300, 2013.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARRA, A. V.; SOUZA, M. M. P. MARQUES, A. L.; MELO, M. C. O. L. Significado do trabalho e envelhecimento. *Revista de administração em diálogo (RAD)*. Vol.15, n.2, Mai/Jun/Jul/Ago 2013, p.103-128.

MARRA, A. V. ; PINHEIRO, A. S. ; VALADARES, K. M. ; FERNANDES, P. C. M. . HERO NOT DIE: Reconstruction of Identity Professional of Retired Executives. *Business Management Review (BMR)*, v. 4, p. 514-526, 2015.

SANTOS, M. F. S. Identidade e Aposentadoria. São Paulo: E.P.U, 1990.

SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. P. Identidades, práticas discursivas e os estudos organizacionais: Uma proposta teórico-metodológica. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 10, n. 1,p. 40-64, 2012.

WANG, M.; SHULTZ, K. S.. Employee Retirement: A Review and Recommendations for Future Investigation. *Journal of Management*, Vol. 36 No. 1, January, 2010, p. 172-206.

WANG, M.; HENKENS, K.; SOLINGE, H. V.; Retirement Adjustment: A Review of Theoretical and Empirical Advancements. *American Psychologist*, Vol. 66, No. 3, April, 2011, p.. 204–213

YBEMA, S.; KEENOY, T.; OSWICK, C.; BEVERUNGEN, A.; ELLIS, N. ; SABELIS, I. Articulating identities. *Human Relations*, 2009, 62(3), p. 299–322.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. (2ª. ed.) Porto Alegre: Bookman, 2001.